

A SABEDORIA DAS ÁGUAS, A FIRMEZA DA TERRA: PERSPECTIVAS DE GÊNERO EM UM PANTANAL EM MUDANÇA

THE WISDOM OF THE WATERS, THE FIRMNESS OF THE LAND: GENDER PERSPECTIVES ABOUT PANTANAL BIOME CHANGING

LA SABIDURÍA DE LAS AGUAS, LA FIRMEZA DE LA TIERRA: PERSPECTIVAS DE GÊNERO EM UM PANTANAL EM TRANSFORMACIÓN

 <https://doi.org/10.56238/arev8n3-065>

Data de submissão: 15/02/2026

Data de publicação: 15/03/2026

Alexandre Honig Gonçalves

Doutor em Geografia

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência de e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)

E-mail: alexandre.goncalves@ifms.edu.br

Lia Moretti e Silva

Doutora em Administração

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

E-mail: lia.silva@ufms.br

RESUMO

Este estudo analisa as percepções de mulheres pantaneiras (fazendeiras, pescadoras e isqueiras) acerca das alterações climáticas nos sub-pantaneais de Aquidauana, Miranda e Nhecolândia (MS). Por meio de abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e aplicação de questionários à nove mulheres, os resultados evidenciam que as alterações no clima e na paisagem, como aumento do calor, alteração no regime hídrico e diminuição da biodiversidade, são claramente percebidas e já impactam seus modos de vida. A análise interseccional demonstra que esses efeitos recaem desproporcionalmente sobre as mulheres, intensificando sua carga de trabalho, reduzindo sua autonomia econômica e ameaçando saberes tradicionais. Conclui-se que a crise ambiental aprofunda desigualdades de gênero, exigindo políticas públicas que adotem uma perspectiva interseccional, reconheçam o conhecimento das mulheres e garantam sua participação ativa na governança ambiental para a construção de justiça climática no Pantanal.

Palavras-chave: Alterações Climáticas. Mulheres Rurais. Interseccionalidade.

ABSTRACT

This study analyzes the perceptions of women from the Pantanal region (farmers, fisherwomen, and bait makers) regarding climate change in the sub-Pantanal areas of Aquidauana, Miranda, and Nhecolândia (MS). Through a qualitative approach, with a literature review and questionnaires administered to nine women, the results show that changes in climate and landscape, such as increased heat, altered water regimes, and decreased biodiversity, are clearly perceived and already impact their ways of life. Intersectional analysis demonstrates that these effects disproportionately affect women, intensifying their workload, reducing their economic autonomy, and threatening traditional knowledge. It concludes that the environmental crisis deepens gender inequalities, requiring public

policies that adopt an intersectional perspective, recognize women's knowledge, and guarantee their active participation in environmental governance to build climate justice in the Pantanal.

Keywords: Climate Change. Rural Women. Intersectionality.

RESUMEN

Este estudio analiza las percepciones de las mujeres de la región del Pantanal (agricultoras, pescadoras y carnívoras) respecto al cambio climático en las áreas subpantanales de Aquidauana, Miranda y Nhecolândia (MS). Mediante un enfoque cualitativo, con una revisión bibliográfica y cuestionarios aplicados a nueve mujeres, los resultados muestran que los cambios en el clima y el paisaje, como el aumento de la temperatura, la alteración de los regímenes hídricos y la disminución de la biodiversidad, son claramente percibidos y ya impactan sus modos de vida. El análisis interseccional demuestra que estos efectos afectan desproporcionadamente a las mujeres, intensificando su carga de trabajo, reduciendo su autonomía económica y amenazando los conocimientos tradicionales. Concluye que la crisis ambiental profundiza las desigualdades de género, lo que requiere políticas públicas que adopten una perspectiva interseccional, reconozcan el conocimiento de las mujeres y garanticen su participación activa en la gobernanza ambiental para construir justicia climática en el Pantanal.

Palabras clave: Cambio Climático. Mujeres Rurales. Interseccionalidad.

1 INTRODUÇÃO

As alterações climáticas globais constituem o cerne desta investigação científica em função de seus impactos na dinâmica da biosfera terrestre, com especial atenção ao bioma Pantanal, que, no contexto sul-americano, já reflete as alterações significativas nos padrões climáticos experimentadas pelo Brasil, como o aumento das temperaturas e a mudança no regime de chuvas, que afetam diretamente seus biomas e populações. Nesse cenário, o Pantanal, uma planície alagável transfronteiriça da Bacia do Alto Paraguai, destaca-se como um sistema singular e sensível, reconhecido como Reserva da Biosfera e Sítio Ramsar, cuja dinâmica é regida pelos ciclos de cheia e seca que sustentam sua biodiversidade excepcional e os serviços ecossistêmicos vitais para as comunidades residentes (GONÇALVES; ANDRADE e SILVA, 2024).

Contudo, este bioma enfrenta **pressões antrópicas crescentes em seu interior e entorno** (agronegócio, desmatamento, expansão urbana) que, sinergicamente às **alterações climáticas globais** (como secas mais intensas e prolongadas), **colocam o sistema em risco de colapso** socioambiental. Uma vez que a convergência desses fatores compromete a resiliência ecológica do bioma, amplificando as ameaças à sua biodiversidade e a integridade funcional na manutenção de comunidades tradicionais residentes (GONÇALVES; ANDRADE e SILVA, 2024).

Por conseguinte, os sujeitos sociais e o objeto de estudo desta pesquisa científica são àqueles indivíduos que detêm sua subsistência e modo de vida, diretamente vinculados à natureza. Neste caso, especificamente: as fazendeiras, pescadoras profissionais e as “isqueiras”, que vivem e atuam nos sub-Pantanais de Aquidauana, Miranda e da Nhecolândia, respectivamente nos municípios de Aquidauana, Miranda e Corumbá, em Mato Grosso do Sul.

Estas foram escolhidas de modo aleatório intencional, por conta de suas características sociais, antropológicas e sobretudo, conexões existenciais com o bioma Pantanal, visto como compõem grupos vulneráveis às alterações climáticas. Portanto, são sujeitos sociais e comunidades que são/serão, cada vez mais, afetados pelas alterações climáticas e aquecimento global (SPACKI, et. all., 2015).

Desta feita, compreender adequadamente suas percepções acerca destes fenômenos, edifica um referencial importante para formulação de políticas públicas e medidas de adaptação às condições climáticas a que estes atores estão/estarão expostos ao longo do tempo (GONÇALVES e SOCORRO, 2024).

O objetivo central deste artigo é estabelecer um estudo de caso acerca das percepções sociais de mulheres “pantaneiras”. Como já citado: as fazendeiras, pescadoras profissionais e as “isqueiras”, que vivem e atuam nos sub-Pantanais de Aquidauana, Miranda e da Nhecolândia, respectivamente

nos municípios de Aquidauana, Miranda e Corumbá, em Mato Grosso do Sul, acerca das alterações climáticas e, de que forma estas já impactam seus modos de vida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os desequilíbrios dentre desenvolvimento econômico e degradação ambiental comprometem os serviços ecossistêmicos e a autorregulação da natureza. Para se conservar o patrimônio natural, são necessárias medidas que conciliem o ser humano e os sistemas naturais. Nesse contexto, a igualdade de gênero é fundamental para se enfrentarem os problemas socioambientais contemporâneos (MORTALE; MOREIRA e NEIMAN, 2020).

Historicamente, a divisão sexual do trabalho limitou a participação das mulheres nas discussões ambientais e no desenvolvimento sustentável. Desta forma, é preciso reconhecer seu papel na redução de padrões insustentáveis de consumo e combater desigualdades hierárquicas, ampliando o debate e incorporando sua participação, de modo efetivo e legítimo (ÁVILA e RIBEIRO, 2017).

Apesar da maior visibilidade das lutas femininas, a inclusão das mulheres na formulação de políticas ambientais ainda é lenta, exigindo novas abordagens que considerem as relações interseccionais. Tal qual o ecofeminismo, que emerge como movimento que relaciona a opressão das mulheres à exploração da natureza, criticando o patriarcado e o capitalismo. Este movimento busca desconstruir dualismos hierárquicos (homem/mulher, cultura/natureza) e valorizar os saberes tradicionais femininos (RANZI e BOSSLE, 2022).

Por conseguinte, esta análise interseccional nos fornece o arcabouço teórico essencial para que possamos compreender como marcadores sociais (gênero, etnia, extrato social, territorialidade, etc.), se interconectam, produzindo experiências diferenciadas de vulnerabilidade e resistência frente a fenômenos específicos. Neste caso: as alterações climáticas no bioma Pantanal.

Por sua vez, neste contexto socioambiental, ainda podemos indicar que há um entrelaçamento com a ecologia política feminista, abordagem que examina e propõem como as relações de poder baseadas em gênero moldam o acesso, uso e controle sobre os recursos naturais (CASTRO e ABRAMOVAY, 2005).

Especificamente, com relação aos impactos das alterações climáticas em relação a questão de gênero, podemos indicar que estes não são neutros ou simétricos. Uma vez que sobrecarregam as mulheres com trabalho adicional para garantir a subsistência familiar.

No bioma Pantanal, essas dinâmicas se manifestam nas comunidades tradicionais, em que as mulheres, frequentemente, são as portadoras dos conhecimentos especializados acerca da biodiversidade local, as sazonalidades e práticas de subsistência de cada território (RONDON, 2025).

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa aplicada, de caráter qualitativa e o desenvolvimento desta deu-se por meio da utilização consciente, técnica e sinérgica de vários procedimentos científicos, que promoveram o suporte adequado à investigação e interpretação do objeto de estudo e, do fenômeno associado.

Preliminarmente, os dados secundários foram obtidos por meio da exploração bibliográfica (MARCONI e LAKATOS, 2021). Neste estágio da pesquisa, as palavras-chaves essenciais foram: alterações climáticas; aquecimento global; Pantanal. Estes termos foram consultados em repositórios de Universidades e bases de dados reconhecidas, tais como: Periódicos CAPES, *Google Academic* e Scopus.

Neste processo analisamos: livros, artigos científicos (nacionais e internacionais), teses de Doutorado, dissertações de Mestrado, além de textos técnicos de organismos internacionais, órgãos de governos, centros de investigação e organizações não-governamentais (ONGs), que versavam acerca das temáticas do nosso escrutínio.

Em seguida, com relação a coleta dos dados primários, a apuração em lócus ocorreu em setembro de 2023, em Miranda (sub-Pantanal de Miranda), e, em maio de 2024, em Aquidauana e Corumbá (Sub-Pantanal de Aquidauana e da Nhicolândia).

Estas ações possuem a característica fundamental da pesquisa geográfica, sendo uma observação empírica e descritiva. Nesse sentido, para executar, adequadamente, este procedimento técnico, o pesquisador adotou o comportamento de observador externo, captando e registrando as informações vindas do “objeto em análise”, sendo este, um agente neutro, apenas sistematizador da percepção acerca dos fenômenos que é revelada pelos sujeitos sociais, detentores do conhecimento sobre o fenômeno examinado (SUERTEGARAY, 2002).

Nestas ações, foram aplicados questionários dinâmicos (ADOLFO, 2021), estruturados como perguntas abertas e fechadas. O combinado destes questionamentos, buscou gerar dados primários para que possamos compreender o perfil dos sujeitos sociais entrevistados e, sua percepção ambiental (PA) acerca das alterações climáticas nestes lugares e, ainda, quais são as implicações em seus cotidianos.

Caber destacar que, acerca do tema da percepção ambiental, é pertinente argumentar que esta perspectiva unifica compreensões psicológicas, geográficas, biológicas e antropológicas, objetivando o melhor entendimento sobre os fatores, mecanismos e processos que motivam o sujeito social a ter percepções e comportamentos com relação ao seu meio ambiente (GONÇALVES e SILVA, 2025).

Cabe destacar que nos concentramos em abordar 05 (cinco) aspectos gerais neste levantamento: I) percepção geral sobre o clima; II) percepção geral sobre o território; III) percepção geral sobre os rios; IV) percepção geral sobre o desmatamento e, V) de modo direto e aberto: “O clima está mudando? Como lhe afeta?”.

A amostragem desta pesquisa deu-se a partir da perspectiva conceitual denominada: “bola de neve” (*snow-ball*). Esta que é uma forma de amostra não probabilística, que se utiliza de cadeias de referência ou, redes sociais tradicionais (VINUTO, 2014). Neste caso, a amostra foi composta por 09 (nove) mulheres, 03 (três) de cada sub-Pantanal.

O expediente de análise dos dados coletados e descritos ao longo da pesquisa e, do mesmo modo, seus resultados, seguem a partir do método indutivo (MARCONI e LAKATOS, 2021).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo entrevistou 09 (nove) residentes tradicionais do bioma Pantanal, sendo 07 pescadoras e/ou “isqueiras” (coletores de isca viva) e 2 fazendeiras (pecuária tradicional extensiva). Todas do sexo feminino (09), têm entre 25 e 59 anos e vivem na região há mais de 20 anos.

A delimitação deste grupo focal, conformado apenas por mulheres não é apenas um acaso metodológico, mas um recorte que revela uma dimensão crucial da relação com o território. Identidades sociais como gênero, classe e etnia se sobrepõem, criando modos específicos de experiência.

Neste caso, o gênero dessas mulheres se entrelaça com sua identidade como trabalhadoras e guardiãs de um bioma específico, posicionando-as em uma linha de frente singular frente às alterações climáticas e as mudanças na paisagem do bioma. Suas percepções ambientais são fruto dessa interseção, em que o conhecimento ecológico tradicional é mediado por papéis sociais e laborais relativos ao gênero (MOURO, 2017).

Por conseguinte, as entrevistadas relatam mudanças ambientais e climáticas significativas nas últimas três décadas. Aumentaram: a intensidade do calor, vendavais, fumaça, poeira, queimadas e o assoreamento dos rios. O desmatamento é mais perceptível atualmente. Diminuíram: a intensidade do frio e das chuvas; a limpeza, o volume e a regularidade das cheias dos rios; a abundância de peixes e a facilidade para pescar ou coletar iscas.

Esta perspectiva acerca da perda e degradação dos recursos ambientais não são apenas um inventário ambiental. São o registro social e histórico de uma desestabilização da economia de subsistência, frequentemente sustentada por mulheres.

Neste caso, a diminuição da abundância de peixes e a alteração do regime hídrico impactam diretamente os recursos pesqueiros, dos quais essas mulheres e suas comunidades dependem para sua autonomia econômica e reprodução cultural, reforçando a tese de que a exploração da natureza e a subordinação das mulheres estão interligadas.

Deste modo, podemos compreender que essas alterações estão impactando diretamente a viabilidade técnica e econômica das atividades tradicionais. Com relação às profissões de pescadora e/ou “isqueiras”, estas tornaram-se menos lucrativas, exigindo mais tempo e recursos para um retorno financeiro cada vez menor.

O impacto aqui é interseccional, uma vez que não se trata apenas de uma crise econômica generalizada, mas de uma crise que incide sobre um trabalho marcado por gênero. A maior jornada de trabalho sobrecarrega especificamente essas mulheres, que frequentemente conciliam atividade produtiva com as “responsabilidades” domésticas e familiares. A degradação ambiental, assim, intensifica desigualdades de gênero pré-existentes, aumentando a carga de trabalho feminina e reduzindo sua independência financeira (FLORES e TREVISAM 2015).

Com relação à ocupação de fazendeira (pecuarista tradicional), as alterações climáticas impactam na quantidade e sazonalidade das chuvas, prejudicando os pastos e a nutrição do gado, demandando suplementação alimentar e ampliando significativamente os custos da operação. Neste caso, a interseccionalidade se manifesta no desafio de gerir uma atividade historicamente associada ao poder masculino em um contexto de crescente precariedade ambiental.

Assim sendo, a pressão sobre estas mulheres vai além da esfera econômica, trata-se, também, de uma pressão sobre sua legitimidade e capacidade de gestão em um setor dominado por homens. A vulnerabilidade não é neutra e é amplificada pela interseção entre ser mulher e gerir um empreendimento em um setor tradicionalmente patriarcal e agora sob grave estresse ecológico.

Em ambas as situações, o cenário desestimula as novas gerações e, por conseguinte, ameaça a continuidade destes modos de vidas. Esta ameaça à continuidade é a materialização do conceito de injustiça ambiental interseccional. Não é apenas o ambiente que se degrada, mas um tecido social e cultural específico, sustentado por saberes e práticas de mulheres, que se desfaz (RONDON e GRUBITS, 2024).

A migração das gerações mais jovens, do campo à cidade, representa uma ruptura na transmissão de conhecimentos tradicionais detidos por essas mulheres, aprofundando ainda mais a perda de biodiversidade e de resiliência socioambiental. Neste caso, a ameaça é dupla: a cultura pantaneira e ao papel central das mulheres em sua preservação.

5 CONSIDERAÇÕES

Este estudo corrobora, a partir da escuta direta das protagonistas, que as alterações climáticas e as transformações antrópicas na paisagem pantaneira já são uma realidade vivida e perceptível pelas comunidades tradicionais, confirmando e dando concretude às projeções científicas.

Os relatos das entrevistadas, que evidenciam a intensificação de secas e calor, a alteração do regime hídrico, o assoreamento dos rios e o declínio da biodiversidade, não descrevem meramente uma mudança ambiental, mas um **processo acelerado de desestabilização socioeconômica e cultural**.

A análise interseccional realizada nos revelou que os impactos dessas alterações climáticas são **diferencialmente distribuídos e intensificados pela condição de gênero**. Para as pescadoras, “isqueiras” e fazendeiras, a crise ambiental se traduz em maior jornada de trabalho, redução da renda, perda de autonomia econômica e aumento da pressão sobre sua legitimidade em espaços laborais historicamente masculinos.

A degradação do Pantanal não é um fenômeno neutro, ela **reforça desigualdades preexistentes**, sobrecarregando especificamente as mulheres e ameaçando a continuidade dos modos de vida e saberes tradicionais por elas sustentados.

Diante dessas evidências, a necessidade de **políticas públicas urgentes e contextualizadas** para a região tornam-se incontestáveis. No entanto, nossos resultados demandam que tais políticas transcendam uma visão homogênea das "populações tradicionais". Sendo imperativo que o Estado adote uma **lente interseccional explícita**, capaz de:

1. **Reconhecer e valorizar** o conhecimento ecológico tradicional detido pelas mulheres, incorporando-os como base para estratégias de adaptação climática;
2. **Garantir espaços de governança paritários** que assegurem a participação ativa das mulheres pantaneiras na formulação e implementação de políticas para o bioma;
3. **Promover a autonomia econômica** dessas mulheres, fomentando alternativas sustentáveis que fortaleçam sua resiliência face às mudanças climáticas.

Por fim, proteger o bioma significa, necessariamente, proteger e empoderar as mulheres que nele vivem. A sustentabilidade do bioma Pantanal depende da capacidade de se ouvir e se integrar as vozes e os saberes dessas mulheres e suas comunidades, transformando sua percepção aguçada das alterações climáticas em um alicerce fundamental para a ação coletiva e a construção de um território social e ecologicamente resiliente.

REFERÊNCIAS

- ADOLFO, A. Ambiente para geração de questionários dinâmicos baseados em teoria da resposta ao item. Porto Alegre: UFRGS, 2021.
- ÁVILA, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. Gênero, mulheres, feminismos e meio ambiente: problematizações para a Educação Ambiental. In: 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 11, 2017, Florianópolis/SC. Anais. Florianópolis: UFSC, 2017.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Gênero e meio ambiente. Brasília: UNESCO, 2005.
- CRENSHAW, K. W. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. New York: Columbia Law School, 1989.
- FLORES, B. N.; TREVISAN, S.D.P. Ecofeminismo e comunidade sustentável. Revista Estudos Feministas, Florianópolis v.23, n.1, p.11-34. 2015.
- GONÇALVES, A. H.; SOCORRO, V. A construção social do clima na transformação da paisagem no sudeste pantaneiro sulmatogrossense. Espaço em Revista, v. 26, p. 79-95, 2024.
- _____.; ANDRADE, M. H. S.; SILVA, L. M. Alterações climáticas globais: o mundo pegando fogo e o Pantanal virando cinzas. In: V Congresso Brasileiro de Áreas Úmidas: CONBRAU, 2024, Cuiabá/MT. V CONBRAU. Cuiabá: CPP INAU INPP, 2024.
- _____.; SILVA, L. M. Percepção ambiental e a emergência climática: contexto e aplicação. In: Atena. (Org.). Geografia, espaço e sociedade no contexto das transformações globais. 1ed. Ponta Grossa, PR: Atena, 2025, p. 93-103.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia. São Paulo: Ed. Atlas, 2021.
- MORTALE, T.; MOREIRA, S. A.; NEIMAN, Z. Gênero e meio ambiente em estudo de revisão da pesquisa social sobre desigualdade socioambiental no Brasil. Rev. Campo-território. v. 15. n. 37. 2020.
- MOURO, H. H. Gênero e Ambiente: Reflexões sobre o papel da mulher na questão socioambiental. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos). FCSH, Lisboa, 2017.
- RANZI, T. C.; BOSSLE, M. B. A situação das mulheres frente aos impactos das mudanças climáticas e sua representatividade nos espaços de estudo e tomada de decisão. In: XXIV ENGEMA, 2022, São Paulo/SP. USP, 2022.
- _____.; GRUBITS, H. B. Resiliência feminina no Pantanal em meio aos desastres ambientais e climáticos. São Paulo: Ed. Pimenta Cultural, 2025.
- _____.; GRUBITS, H. B. Ecofeminismo e as mulheres do Pantanal: a articulação entre saberes ecológicos e lutas de gênero nas práticas de conservação ambiental. Rev. Contemporânea, v. 4, 2024.

SPACKI, V. et. all. Plano de prevenção, mitigação e adaptação aos impactos de eventos climáticos extremos no Pantanal. Campo Grande: ECOA, 2015.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em Geografia. Porto Alegre: UFRGS, 2022.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Rev. Temáticas. v. 22. n. 44. 2014.